

DOSSIÊ LITERATURA, FILOSOFIA, ARTES & PLANTAS APRESENTAÇÃO

[LITERATURE, PHILOSOPHY, ARTS & PLANTS
PRESENTATION]

ANA TEREZA PRADO LOPESⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-7582-6040>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

MARISA FLÓRIDO CESARⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-9915-1041>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

WALLYSSON FRANCIS SOARESⁱⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-8490-7088>

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

As questões em torno da vida vegetal têm mobilizado reflexões em diferentes palcos e espaços, produzindo experiências que nos convidam a repensar o lugar das plantas na hierarquia dos viventes e a pretensa excepcionalidade do humano sobre as demais espécies, como a única dotada de pensamento, linguagem, agência, mundo. O antropocentrismo (ocidental e moderno) fundamentou a oposição entre humano e não humano, natureza e cultura, organismo e ambiente, sujeito e objeto, e definiu a maneira de o Ocidente se relacionar com os existentes do planeta: como recurso e propriedade sempre disponíveis a serem tipificados, classificados, explorados, mercantilizados, consumidos, destruídos.

Nas últimas décadas, a biologia, a filosofia, a antropologia, as artes vêm questionando tais dicotomias e as noções que foram historicamente moldadas dentro do horizonte dessas rígidas oposições, monopólios e hierarquias. Nos “estudos multiespécies”, como se convencionou chamar o campo transdisciplinar que emerge desses debates, busca-se compreender como viventes e não viventes coabitam, afetam-se e produzem mundos em comum, em teias inextricáveis de interdependência e existência. Nesse emaranhado, não há hierarquias ou separações rígidas, mas, sim, tramas relacionais e densas de coimplicações, em contínuo processo de coemergência e coexistência. Em vez de se tratar os existentes como objetos de estudo ou representação, reconhecem-se

sua agência e modos próprios de inteligência, sensibilidade e comunicação. Mais que teóricos, são esforços de imaginação e de fabulação de mundos possíveis em tempos de catástrofes, de crise climática, de extinções em massa. Esforços para enfrentar, enfim, os desafios éticos, políticos e ecológicos do presente.

Tomando como referência o livro seminal *O pensamento vegetal*: a literatura e as plantas (ed. Civilização Brasileira, 2021), de Evando Nascimento, e o Seminário internacional sobre o livro, ocorrido em novembro de 2023 na Casa Dirce e no Instituto de Artes da UERJ, sob coordenação de Eduardo Guerreiro Losso (PPGCL/UFRJ), este dossiê convida outras vozes para amplificar e diversificar o pensamento em torno das plantas e de suas relações com as artes. Este número da *Revista Terceira Margem* se dedica ao tema “Literatura, Filosofia, Artes & Plantas”, reunindo uma entrevista com o autor, realizada pelos editores do dossiê, Marisa Flórido e Wallysson Francis Soares, e oito ensaios que, muito mais que versarem *sobre* as plantas, falam *com* elas — trazendo-as como personagens pensantes.

O livro-rizoma de Nascimento faz brotar novos exercícios de pensar que entrelaçam as plantas com a política, com a sexualidade, com a poesia, com as artes visuais e com os viventes, num chamado à solidariedade.

Nascimento nomeia seu livro um “ensaio de intervenção” e convoca seus leitores a inventar outras maneiras de se relacionarem no mundo, talvez pisando mais leve na Terra, como nos inspiram os povos originários. Mais que intervenções, o que o pensador e artista-autor baiano-carioca busca mobilizar com seus ensaios são *interversões* — num resgate do neologismo que comparece em seu primeiro livro de ficção, *retrato desnatural* (2008), e que propõe menos intervir de maneira autoritária ou de controle; em lugar disso, as *interversões* tratam de um fluxo de vozes e pensamentos influenciando na (re)construção de um mundo mais afetivo. O resultado, uma interlocução entre literatura, artes, filosofia e ciências, como se demonstra neste dossiê, é um entrecruzamento de vozes que se somam aos nomes de Clarice Lispector, Stefano Mancusi, Emanuele Coccia, Alberto Caeiro, Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Edmilson Pereira de Almeida, Franz Kafka, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, J.M. Coetzee, Alejandro Zambra, entre outros artistas e pensadores que atravessam *O pensamento vegetal*, de Nascimento.

Os oito textos deste dossiê, cada um à sua maneira, questionam a centralidade humana e propõem pensamentos descentrados que reconhecem as plantas como agentes

pensantes. A vida vegetal surge nos textos como mediadoras ético-estéticas: a literatura, a poesia, as artes visuais e a filosofia são chamadas a operar uma escuta atenta e sensível e não se limitam a focar as plantas como meras representações botânicas. A vida vegetal ramifica e transborda para a política, para o corpo e para o imaginário. Na interseção arte-ciência-política, busca-se um pensamento implicado com o mundo vivo, sem hierarquias entre os vivos, num chamado ao enfrentamento da crise ambiental por meio de outros modos de conhecer e cocriar.

Abrimos esta edição com os textos de Efrén Giraldo e de Evelina Hoisel, cujas visões confluem num olhar arguto para a questão política em torno das plantas a partir dos textos de Evando Nascimento. Giraldo é um escritor colombiano, curador de arte, crítico, professor e pesquisador da Universidade Eafit, em Medellín. Seu livro *Sumário de plantas oficiosas*: um ensaio sobre a memória da flora foi publicado em 2023 no Brasil pela editora Fósforo. Nele, o pensador se refugia nas plantas enquanto o mundo enfrenta a pandemia da Covid-19. O resultado é uma coletânea de ensaios sobre espécies de plantas, reais ou ficcionais, numa interlocução com literatura, ciência e artes. Sua contribuição neste dossiê, o texto “De la filosofía al ensayo vegetal”, oferece uma análise do livro de Evando Nascimento, destacando a forma como seus textos rompem com o formalismo acadêmico para propor uma escrita ensaística crítica, transdisciplinar. Giraldo ressalta a pulsão em politizar a relação com o vegetal (“Quizás sea necesario, desde la literatura, las artes y la crítica, politizar nuestra relación con lo vegetal”), recusando tanto modismos superficiais quanto o utilitarismo terapêutico, ao propor uma nova sensibilidade crítica que desafia a divisão entre natureza e cultura. Mais que apenas aprender com as plantas, Giraldo sinaliza que sejamos seus companheiros — e a ficção é um dispositivo que nos permite, segundo o escritor, operar mudanças sobre o mundo.

Fazendo rima com o texto de Giraldo, a professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Evelina Hoisel, em “A política, a ética e a estética de *O pensamento vegetal*”, aprofunda a leitura da obra de Evando Nascimento, destacando sua dimensão política e ética. A escritora descreve o livro como “um manifesto pela preservação da vida no planeta, como uma declaração de amor a todos os vivos” e dá ênfase ao contexto político brasileiro no momento de sua publicação, em que vivemos pelas mãos do governo de extrema direita um negacionismo que não apenas aprofundou o “holocausto vegetal” — conforme expressão utilizada por Nascimento em seus ensaios —, através do

afrouxamento das leis ambientais e da deslegitimação dos órgãos fiscalizadores, mas também levou a negação da ciência a contribuir para a morte de milhares de brasileiros que não receberam a vacina a tempo. Hoisel enfatiza, em seu texto do dossiê, a denúncia da inquietante precariedade da vida vegetal — como a de outros viventes subjugados — e realça o gesto amoroso das palavras de Evando Nascimento em defesa da vida — em todas as formas e respiros.

O terceiro texto deste dossiê, “Responder al llamado de las plantas: arte y naturaleza más allá de la forma-paisaje”, é de Marcela Rivera Hutinel, doutora em Filosofia e acadêmica da Faculdade de Filosofia da Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, em Santiago. A autora lança novos olhares sobre a arte e a estética latino-americana, com enfoque na escuta sensível e no rompimento com o antropocentrismo: “pensar con las plantas, pensar de otro modo que lo humano”. Em seu ensaio, articula uma ponte entre a crítica literária e as práticas artísticas contemporâneas. Para Hutinel, a literatura é uma das maneiras de atender ao “chamado vegetal”, como meio de *intertroca*, conforme propõe Evando Nascimento em sua obra ficcional e ensaística, ouvindo as plantas — e, talvez assim, tornando-nos plantas ao deixar que elas falem através de nós.

Os cinco textos seguintes investigam como a presença vegetal estrutura a linguagem poética, o imaginário literário e as artes visuais em diferentes autores e artistas. Mariana Vieira, em “A figura da flor na poesia de Juanele Ortiz”, apresenta uma leitura filosófica e poética da obra do argentino Juan L. Ortiz em diálogo com os escritos de Emanuele Coccia — autor do célebre *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. A razão vegetal é pensada a partir da flor, o pensamento, como florescimento e doação. A autora destaca como a poesia de Ortiz opera em sintonia com uma imaginação cósmica e sensível, conectando-se a tradições orientais e a uma perspectiva não antropocêntrica da existência.

No texto “Mosaicos para um pensamento vegetal a partir da Estética do Laharsismo”, Luciana Abreu Jardim propõe uma aproximação entre o pensamento vegetal e a estética poético-teórica do escritor Luís Serguilha, articulando sua proposta do Laharsismo com autores como Evando Nascimento, Clarice Lispector e Emanuele Coccia. A autora explora como as formas vegetais se manifestam tanto na escrita quanto na pintura, em especial através da obra de Frans Krajcberg e da escrita pictórica clariciana de *Água viva*. O texto constrói um mosaico autobiobibliográfico e ensaístico que entrelaça

a arte, a linguagem e a experiência com as plantas como modos de resistência e reencantamento do mundo.

A partir da Vila Dois Rios (Ilha Grande, RJ), o artigo de Ana Tereza Prado Lopes — artista e professora de Artes Visuais no IART/UERJ — explora a relação entre a ideia de ruína, paisagem e arte contemporânea em diálogo com o conceito de “pensamento vegetal” de Evando Nascimento. Noções cunhadas pelo autor, como “fitoescrita”, “fitoliteratura” e “fitografia”, relacionam os universos de outros autores, como Emanuele Coccia, Stefano Mancuso, Walter Benjamin e Anna Tsing, e de artistas, como Frans Krajcberg, Robert Smithson e Ana Mendieta, presentes no texto que reflete sobre a importância dos vegetais na cocriação de linguagem e de mundo.

Em “O catálogo botânico como procedimento de leitura”, escrito por Gabriel Guimarães Barbosa e Luciana dos Santos Salles, o trabalho da poeta portuguesa Fíama Hasse Pais Brandão é analisado, traduzido como profundamente estruturado por elementos do mundo vegetal — em especial, o poema “Catálogo botânico da primavera”. Os autores propõem uma leitura em que a catalogação botânica se torna metapoética, num projeto ético-estético que entrelaça linguagem, memória e natureza. Ao conectar a poesia com a tradição dos herbários e da taxonomia científica, o texto mostra como as plantas não são apenas tema, mas fundamento do fazer poético de Fíama, sinalizando uma ecologia literária.

Por fim, e finalizando em tom de urgência, o ensaio “Pesadelos vegetais em *Distância de resgate*”, por Raquel Riera e Miriam Viviana Gárate, analisa o romance *Distância de resgate*, de Samanta Schweblin, como uma narrativa de terror ecológico marcada pela presença onipresente de plantações de soja e seus efeitos devastadores. O texto explora como a contaminação por agrotóxicos transforma paisagens e corpos, revelando os horrores do modelo de *plantation* e sua herança colonial. Articulado literatura, filosofia e crítica ao capitalismo, as autoras mostram como o romance denuncia a violência invisível que recai sobre humanos e vegetais, questionando a alienação e a escalabilidade como fundamentos do agronegócio moderno. Este *ecoterror* das monoculturas sinaliza para o colapso das relações entre humano e vegetal num cenário de intoxicação e violência estrutural — alude, com isso, aos pensamentos de “holocausto vegetal” e de “fitocídio”, elaborados por Evando Nascimento em *O pensamento vegetal*.

-
- ⁱ **Ana Tereza Prado Lopes** é Professora Adjunta do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora, artista plástica e curadora. Graduada em Artes Visuais pela École Supérieure D'Art Visuel (ESAV). Tem especialização em História da Arte e da Arquitetura no Brasil e formação em Tradução Inglês-Português, PUC-Rio. Doutora e mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes (PPGAV/EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). **E-mail:** anaterzapl@hotmail.com
- ⁱⁱ **Marisa Flório Cesar** é professora de História e Teoria da Arte e do PPGARTES do Instituto de Artes (IART) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora e mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA/UFRJ. Pesquisadora, crítica de arte e curadora independente, possui livros e textos sobre artes visuais em livros, revistas acadêmicas, catálogos e periódicos. Entre os livros publicados, estão *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira* [Círculo, 2014] e *Ana Vitória Mussi* [Apicuri, 2013]. **E-mail:** marisaflorido.uerj@gmail.com
- ⁱⁱⁱ **Wallysson Francis Soares** é doutorando em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisa autoficção, animalidade e pensamento vegetal na obra de Evandro Nascimento, em interseção com a desconstrução de Jacques Derrida e com os pensamentos decoloniais. **E-mail:** wallysoares@hotmail.com